

## AS INSTITUIÇÕES CULTURAIS E A DEMOCRATIZAÇÃO CULTURAL

Antonio Sagrado Lovato<sup>1</sup>  
Cláudio Luis Camargo Penteado<sup>2</sup>

**Resumo:** As instituições culturais constituem-se hoje em um dos principais meios de promoção e acesso as atividades culturais. Os centros de cultura tornaram-se importantes pólos de produção e difusão cultural. Nesse contexto, esse artigo apresenta uma reflexão sobre quatro centros de cultura paulistana, Centro Cultural São Paulo, Itaú Cultural, Sesc Santo André e Centro Comunitário Casa Lagartixa Preta, avaliando se estes ampliam e promovem a democratização da arte e cultura, por meio da discussão teórica e avaliação de seus modelos de gestão. A análise indicou que a forma de financiamento é um importante fator que influencia no modelo de gestão, na estrutura organizacional das instituições, na programação e na realização dos eventos.

**Palavras-chave:** Gestão Cultural, democratização cultural, instituições culturais, centros culturais.

### 1. Introdução

Tendo em vista o objetivo de discutir se os institutos culturais promovem a democratização do acesso à cultural, iniciamos nosso trabalho com uma breve passagem pelo conceito difuso de cultura. Cultura não pode ser entendida como somente um modo de ser ou um todo complexo de cada sociedade. Ela cria parâmetros de pelos quais os seres humanos se relacionam, como também atua no processo de socialização, definindo os valores e sentidos das ações sociais, que variam de sociedade para sociedade, uma vez que cada comunidade possui sua própria cultura.

Partindo de dois autores renomados no assunto (Marilena Chauí e Alfredo Bosi), Ramos (2007) argumenta que podemos compreender a cultura como práticas, técnicas, símbolos e valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. Ramos (2007) complementa afirmando que a educação é o momento institucionalizado deste processo, o que sinaliza a importância da cultura na constituição da sociedade e da própria identidade dos indivíduos, uma vez que é através da educação que o ser humano aprende novos conhecimentos.

---

<sup>1</sup> Aluno de graduação e de Iniciação científica da Universidade Federal do ABC.  
[antonio.lovato@ufabc.edu.br](mailto:antonio.lovato@ufabc.edu.br)

<sup>2</sup> Doutor em Ciências Sociais e professor da Universidade Federal do ABC.  
[claudio.penteado@ufabc.edu.br](mailto:claudio.penteado@ufabc.edu.br)



Percebe-se, portanto, que a cultura em nossa sociedade é uma constante estrutural, seja nos bens materiais, nas práticas diárias e até mesmo na linguagem e símbolos utilizados e na formação dos valores simbólicos de cada sociedade. Sendo que necessariamente (ou naturalmente) estes valores e conhecimentos são transmitidos e modificados ao longo das gerações.

Esta mutação constante das práticas culturais é impulsionada pelo sistema capitalista, que por sua dinâmica acaba por interferir na dinâmica cultural, difundindo novos valores e significados. Os mercados de consumo existentes absorvem os diversos meios e as mais diferentes culturas formadas. Esse movimento de cooptação da cultura pelo capital leva a um debate, sobre a mercantilização ou massificação da cultura e da arte. Podemos observar duas grandes visões, de um lado os críticos do da mercantilização da cultura, de outro os defensores da popularização da cultura e ampliação do acesso aos bens culturais.

O que é certo, é que em nossa sociedade capitalista existe hoje um mercado cultural, em que as manifestações culturais são consumidas como mercadorias. Nesse contexto, foram criados Centros de Cultura como uma forma de ampliar o acesso popular as diferentes formas culturais. A institucionalização da cultura, que tem como símbolo os centros culturais, seria uma forma de “democratizar” a cultura, criando espaço para a produção e difusão cultural para além do mercado cultural existente, além de permitir que a população tenha acesso as manifestações da chamada “alta cultura”, trazendo novos elementos e percepção para a grande maioria da população.

Nesse sentido, os modelos de gestão dos centros de cultura se tornam importantes elementos para verificar se essas instituições estão atingindo seu objetivo. Assim, esse artigo pretende avaliar quatro centros de cultura, com diferentes modelos de gestão, analisando como os estudos culturais podem questionar e dialogar com as instituições culturais hoje?

## **2. A indústria cultural, relações de poder e a democratização cultural.**

O debate sobre a indústria cultura pode ser realizado de inúmeras formas, aqui optamos por focar as relações de poder existentes no campo cultural a partir do pensamento foucaultiano e deleuziano, concebendo o aspecto político da cultura na formação e reprodução da estrutura social.

Para Michael Foucault (2000) o poder se estabelece e se exerce em rede (ou fluxos), passando pelos indivíduos e sendo executado por meio das instituições sociais, responsáveis por controlar os fluxos do poder, disciplinando as pessoas segundo seus estatutos e normas. Nesse sentido, as instituições culturais representariam uma forma de controle da cultura, disciplinando os artistas para seguirem suas normas assim como criando um discurso eficiente sobre as formas de difusão e produção cultural. Os centros de cultura funcionariam como uma forma de restringir o “acontecimento” cultural livre, em troca de modelos pré-estabelecidos que adéquam-se a filosofia da instituição em questão, esta que conseqüentemente passa a restringir o poder libertador que a cultura pode ter, disciplinando os discursos e os corpos. A instituição detém o poder, passando ela a ditar o discurso e a verdade e não mais as diversas manifestações culturais que ela abarca, a arte e a cultura perdem seu poder emancipatório e são capturadas pelos modelos e classificações do discurso competente dos especialistas da instituição.

Costa (2004) a partir da leitura de Deleuze indica que o capitalismo coordenou uma transformação da sociedade disciplinar para uma sociedade de controle que amplia os fluxos do poder para além dos espaços institucionais, definida por uma rede de espaços, uma interpenetração dos espaços, onde supostamente não há limites definidos (começo e fim), onde o tempo é contínuo e conseqüentemente os indivíduos não conseguem terminar coisa alguma, é um processo constante, é a necessidade de formação permanente, a dívida impagável. Percebe-se, portanto, que os indivíduos não são mais limitados pelo espaço físico, mas sim pelo que devem fazer, pagar, etc. Nas Sociedades disciplinares o indivíduo é assinatura e número de matrícula, já nas Sociedades de controle a senha, onde ou há permissão ou não há permissão. Nelas o poder é difuso, não há hierarquia, sua ação é mais horizontal e impessoal, isto é, não há uma associação entre um ser e o poder, ele não tem uma cara, é onipresente. “Nas sociedades de controle, estaríamos passando das estratégias de interceptação de mensagens ao rastreamento de padrões de controle” (COSTA, 2004, p.163).

Há nas Sociedades de controle, portanto, uma busca pelos padrões de comportamento, para construção do perfil do usuário. Desta forma os “agentes” apreendem sobre os hábitos e atividades dos “usuários”. Não há, porém, uma “tabela de padrões”, há sim, uma construção individual do modelo. Então esta dinâmica de padrões, faz com haja diversas intersecções de grupos de interesse, e não mais modelos fechados de caracterização das pessoas. Desta forma possibilita-se a organização das

coisas, criação de produtos, entre outros, sobre os padrões de consumo destes grupos de interesse.

Se analisarmos as instituições culturais sob esta perspectiva, os centros de cultura atuam hoje como “fornecedores de cultura” a um público específico, definido através dos padrões e modelos de controle. Ou seja, montam sua programação para seu público específico, que não necessariamente é a população local ou próxima do ambiente de atuação da instituição. O que ocorre, porém, é que as instituições detêm o poder sobre sua programação, desta forma podem não só fornecer o que o público espera, mas também o que deseja que este público espere, pode diversificar a gama cultural de seus usuários conforme deseja. O público passa usufruir as manifestações culturais que as instituições oferecem e não necessariamente as que desejem.

Na abordagem crítica da Escola de Frankfurt, podemos perceber os usuários das instituições culturais como consumidores de produtos, nesse sentido a instituição nada mais é do que um supermercado de cultura, fruto de uma sociedade capitalista e industrializada. Assim, os “consumidores” deixam de buscar, pensar e criar uma cultura que seja um caminho individual, particular a cada ser. Este é “o caráter repressivo da sociedade que se autoaliena” (ADORNO, HORKHEIMER, 1947, p.3).

Desta forma, a indústria cultural é a indústria do divertimento, onde “divertir-se significa estar de acordo” (ADORNO, HORKHEIMER, 1947, p.16). O lazer aparece como extensão do trabalho, são artigos tecnológicos, comunidades virtuais, filmes “padronizados”, enfim, todo um aparato para tornar a cultura uma mercadoria. Para estes autores o grau de liberdade dentro da indústria cultural existe, porém ele é sempre esperado e óbvio. “Aquele que reside pode sobreviver apenas se inserindo. Uma vez registrado em sua diferença pela indústria cultural, já faz parte desta, assim como a reforma agrária no capitalismo” (ADORNO, HORKHEIMER, 1947, p.9). A “modelização” da cultura é tão grande, que a sociedade passa a conferir em tudo um ar de semelhança, ou seja, a arte e a cultura de um modo geral perdem seu papel libertador.

Nesta lógica o artista, passa a atuar em segundo plano, onde quem tem valor real é o produtor. Estes são os “experts”, pois sabem modelar o artista exatamente como o mercado necessita, de um modo a sempre atuar como um potencializador do lucro. Percebe-se sobre esta ótica, portanto, que este universo das instituições culturais é altamente repressor do que verdadeiramente é cultura. É como se elas transmitissem e

cultivassem uma “pseudo-cultura” que é modelada e esperada, que não adiciona nada de realmente novo aos indivíduos, sendo apenas uma ferramenta de otimização do processo econômico envolvido.

Se analisarmos o processo histórico da formação dos centros culturais, o Centre National d’Art et Culture Georges Pompidou, que para alguns autores foi o primeiro centro cultural da era contemporânea, inaugurado em 1975, nasceu justamente em plena era industrial como um espaço para a fruição cultural dos operários industriais. Teixeira Coelho (1997) critica o modelo adotado pelo Pompidou, justamente por sua monumentalidade e seu aspecto de querer ser atrativo para gerar consumo cultural, ao invés de criar um espaço para a fruição da arte a cultura. Neste aspecto os centros de cultura passam a ser ferramenta da indústria cultural definida por Adorno e Horkheimer, não tendo uma cara agradável de disseminar, difundir e potencializar as diversidades culturais, mas justamente o oposto, estagnar e inverter os valores sobre a cultura. A cultura passa a ser algo generalizado e não um processo individual desenvolvido através da coletividade.

Por outro lado, em uma perspectiva otimista, alinhada com a posição dos integrados (segundo a terminologia proposta por Eco, 2008), a massificação da cultura, seja por meio da indústria cultural ou por meio de instituições culturais são ações ajudam na popularização da cultura, criam mais mecanismos de ampliar o acesso à cultura. Porém, ter acesso não significa democracia. Para Romulo Avelar (2008), promover a democratização cultural é algo que vai muito além da construção de equipamentos culturais, até mesmo da distribuição de ingressos ou da oferta de produtos a preços populares.

*Um tipo de engano bastante recorrente na formulação de políticas públicas é partir da idéia de que é preciso “levar cultura à população”. Movidos pela melhor das intenções, alguns gestores públicos empreendem grandes esforços para beneficiar o cidadão culturalmente “excluído”. Acreditam sinceramente que neste ato está a chave para sua inserção no universo das “belas artes”. Na verdade essa lógica revela uma visão etnocêntrica, que desrespeita a diversidade e impõe parâmetros estéticos, de forma hegemônica. (AVELAR, 2008, p.169)*

Leonardo Brant (2009) chama esta “definição de relevância cultural” por “Fascismo Cultural”. O que percebemos aqui, é que o que é visto como uma melhoria para os integrados, por promover o acesso, deve ser analisado com cautela, pois é uma

via de mão única, onde há uma imposição através dos gestores das políticas públicas culturais, de algo que alguns julgam importante ou necessário a todos, há na realidade um grande desrespeito a diversidade cultural.

Nesse sentido, Gilberto Gil<sup>3</sup> aponta um outro direcionamento, ao argumentar a grande importância da diversidade cultural é construção de um constante diálogo, segundo o cantor e ex-ministro da Cultura, é necessário haver uma via de mão dupla onde as políticas trazem o que julgam útil, mas onde também a população tem possibilidade de participar, atuando, trazendo e realizando também. Assim, a importância dos centros de cultura é se constituírem como espaços que proporcionem o diálogo e a interação das diversidades culturais, pois isso é democratização cultural.

Outro ponto a se analisar é como as obras de arte, peças teatrais, peças visuais, entre outros são trazidas ao público nos centros de cultura. Muitas vezes por atingir um público muito diversificado, muitos usuários deixam de compreender ou de usufruir ao menos o mínimo que a obra de arte pode proporcionar, isso se deve a diversos fatores. Para Benjamin, isso já se inicia quando a obra em questão não é a original, pois somente a obra de arte original possui a “aura” que é o seu contexto de criação, o seu “aqui e agora”. Isso se verifica principalmente em exposições de obras visuais, quando mesmo sendo uma obra original, muitos usuários dos centros de cultura acabam não se interessando por não compreender ao menos o contexto das obras.

Dentro deste contexto, no qual os Centro de Cultura possuem uma grande ambiguidade expressa por seu caráter massificador e ao mesmo tempo democratizador, Romulo Avelar (2008) argumenta que cabe ao empreendedor e ao gestor cultural proporcionar a satisfação ao público através de ações que visem ao espectador usufruir ao máximo da programação do centro de cultura. Uma solução a isso encontrada por alguns centros de cultura é oferecer o maior número de informações possíveis aos usuários, sobre a obra de arte e seu contexto. Isso através de monitores, de ante-salas auto-explicativas, grupos de estudo, entre outras tantas soluções criativas por parte daqueles que de alguma forma buscam a satisfação do público.

---

<sup>3</sup> Gilberto Gil escreveu o prefácio do livro. BRANT, Leonardo, *Diversidade Cultural-Globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas*. São Paulo: Escrituras Editora: Instituto Pensarte, 2005.

### 3. Centros de Cultura

Nessa seção do artigo buscamos avaliar os modelos de gestão de quatro instituições culturais: Centro Cultural São Paulo, Itaú Cultural, SESC Santo André/SP e Casa Lagartixa Preta. A seleção destas instituições foi realizada pelo do tipo de financiamento que as mesmas possuem respectivamente: financiamento público, financiamento privado, financiamento misto (público e privado) e financiamento comunitário.

O espaço do Centro Cultural São Paulo, casa de cultura com financiamento público municipal, fica localizado na Rua Vergueiro, número 1.000, próximo a avenida Paulista, na cidade de São Paulo. Foi concebido inicialmente para abrigar uma extensão da Biblioteca Mário de Andrade, porém ao longo de sua construção sofreu diversas adaptações a fim de se tornar um dos primeiros espaços culturais multidisciplinares do país. O espaço foi inaugurado em 1982, abrigando hoje:

*espetáculos de teatro, dança e música, mostras de artes visuais, projeções de cinema e vídeo, oficinas, debates e cursos, além de manter sob sua guarda expressivos acervos da cidade de São Paulo: a Coleção de Arte da Cidade a Discoteca Oneyda Alvarenga, a coleção da Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade, o Arquivo Multimeios e um conjunto de bibliotecas que ocupa uma área superior a 9 mil m<sup>2</sup>. (Fonte: Site institucional)*

A instituição possui uma programação diversificada, atendendo ao diverso e expressivo número de frequentadores. Sempre gratuitamente ou a preços populares. Condições essas que atraem um público interessado em suas atrações. O Centro também possui espaços para a realização de cursos e biblioteca. Possui um público cativo que está acostumado a utilizar seus serviços. Também serve como um espaço para a divulgação de novos artistas.

O “Itaú cultural”, casa de cultura de financiamento privado, foi fundado em 1987 por Olavo Setúbal, dono do Banco Itaú. Sua sede está localizada na Avenida Paulista, número 149, em São Paulo. É hoje uma das mais importantes instituições culturais privadas do país, promovendo importantes exposições, assim como na realização de projetos de difusão e promoção da cultura.

A instituição oferece diversos serviços e produtos, possui biblioteca aberta ao público, gratuitamente, e uma midiateca com mais de 30 mil itens, entre coleções, documentos, filmes, livros e revistas de arte e cultura brasileira. O Itaú cultural é

importante para a difusão cultural Brasileira por diversos projetos e atividades desenvolvidas, entre elas destaca-se o projeto “Rumos”.

*Em atividade desde 1997, o Rumos Itaú Cultural é um programa de apoio à produção artística e intelectual sintonizado com a criatividade brasileira. Rumos colabora para o fomento e o desenvolvimento de centenas de obras e de artistas das mais variadas expressões e regiões do país - de músicos e cineastas do Norte a escritores, coreógrafos e artistas plásticos do Sul; de jornalistas e pesquisadores do Nordeste a educadores do Sudeste. O caráter nacional do programa mobiliza artistas, especialistas, pesquisadores e instituições parceiras, que fazem da cultura uma linguagem comum de fortalecimento da cidadania e das características múltiplas do povo brasileiro. Os produtos gerados pelo programa são distribuídos gratuitamente a instituições culturais e educacionais e disponibilizados para emissoras de TV parceiras e neste site (site institucional). (Fonte: Site institucional, página inicial)*

O “Sesc Santo André”, instituição com financiamento misto público/privado, está localizado na rua Tamarutaca, número 302, Vila Guiomar em Santo André/SP. Foi inaugurado em 2002 e conta com um amplo espaço de quase 25 mil m<sup>2</sup> e com capacidade para atender 6000 pessoas.

É um importante espaço de acesso e difusão cultural, possuindo um teatro amplo para 303 pessoas, complexo esportivo, biblioteca, midiateca e oferece além de serviços culturais como shows e espetáculos, internet livre e cursos diversos. Filiado ao Sistema S e aos demais Sescs, conta com um sólido financiamento, que garante acesso a cultura a um baixo custo a toda a população da região do ABCD paulista, carente de pontos de cultura próximos.

A “Casa Lagartixa Preta – Ativismo ABC” escolhida para esta pesquisa como “Centro de cultura comunitário”, ou seja, autofinanciada e autogestionada, vem realizando atividades desde 2001, tendo sua sede em Santo André, São Paulo. A casa se descreve como:

*um coletivo libertário, solidário, autogestionário e a favor das diferenças; contra a alienação do poder, a opressão e a exploração “humana” ou “não-humana”. Acreditamos na auto-organização e na aliança entre movimentos, sem organizações burocráticas ou partidárias. (Fonte: Site institucional)*

A casa hoje conta em seu espaço físico com uma biblioteca livre, uma horta agroecológica, baú e estante de dádivas (onde se pode doar ou retirar coisas), debates e oficinas diversas. Recebe em seu espaço grupos culturais e artísticos, realiza debates,



palestras e grupos de estudo, além de reunir os membros para decisões e processos da casa.

### **3. Avaliação das programações dos Centros de Cultura:**

#### **3.1 Centro Cultural São Paulo**

a) A programação do Centro Cultural São Paulo para um mês é ampla, envolvendo cinema, dança, música (popular e erudita), teatro, oficinas e cursos, palestras e debates e também exposições diversas. No mês de março de 2010 são inúmeros acontecimentos nas áreas de atuação do centro de cultura. Destaca-se: “Seminário Corpo & Cultura - A Dança do mestre-sala e porta-bandeira”, 3 ricas programações de cinema: “Quase inéditos”, com filmes inéditos no circuito comercial, são filmes brasileiros, sendo a maioria deles documentários; “As musas dos musicais”, vários estúdios de Hollywood fazem anualmente musicais utilizando cantores, dançarinos e atores. Alguns desses artistas, como Julie Andrews, Alice Faye, Betty Grable, Liza Minnelli, Olivia Newton-John, Barbra Streisand, Shirley Maclaine e Shirley Temple, estarão presentes nesta mostra; e “Terror dos estúdios da Universal”, No começo dos anos 1930, a Universal era um estúdio de menor porte em Hollywood e realizou alguns filmes de terror, considerados obras-primas do gênero. Durante algum tempo o estúdio esteve ligado a esse gênero cinematográfico, que alavancou as carreiras dos atores Boris Karloff e Bela Lugosi. Destaca-se na área de dança a Mostra de Processos Rumos Itaú Cultural Dança, a exposição “Quadrinho marginal” com quadrinhos marginais Norte-americanos e Brasileiros, e a peça teatral “Banda Hamlet”.

b) Por ser um centro de cultura de financiamento público, espera-se que assuma uma filosofia de democratização cultural séria e real, porém não é isso que se percebe nitidamente. Há sim um grande incentivo ao acesso, não só em sua programação quase que integralmente gratuita mas também a suas diversas plataformas como sua grande biblioteca. Porém, ao longo deste artigo, concluiu-se que democratização cultural vai muito além da promoção ao acesso, mas sim de um respeito as diversidades culturais com um grande diálogo nos espaços culturais. Portanto pode-se concluir que neste centro de cultura de financiamento público há um direcionamento filosófico, de promover o acesso a arte e a cultura mas a uma arte restrita, que cabe aos gestores e diretores direcionarem e não a população de um modo geral.

### 3.2 Itaú Cultural

a) O Itaú cultural conta na sua programação no mês de março de 2010 com inúmeras atrações na área de música, dança e artes visuais. Os principais destaques para o mês analisado são: Exposição “ocupação Chico Science”, Exposição “Hélio Oiticica – Museu é o mundo”, espetáculos de 21 coreógrafos Brasileiros (parte do projeto “Rumos Itaú cultural”), Mostras de filmes, programas no Rumos TV e alguns encontros para o estudo das artes.

b) É perceptível neste centro de cultura um direcionamento filosófico nas atividades que oferece. Por mais que o acesso seja livre a todos os públicos, há um direcionamento a certos grupos e classes sociais, direcionamento este que atende as intenções de seus gestores e diretores. As exposições e demais eventos pelo Itaú Cultural organizados seguem um linha de pensamento de manter um certo padrão cultural, até nos projetos selecionados nos últimos anos pelo programa rumos. Este padrão cultural atende alguns grupos da população e promove uma espécie de “elevação do padrão cultural” para outros, ou seja, a casa não promove uma real democratização cultural, pois não há um diálogo com as diversidades culturais, nem indiretamente. Sob a perspectiva dos artistas e intelectuais que desejam utilizar o espaço da casa, há de se ter contatos ou seguir o padrão estabelecido por este centro de cultura, pois por outras vias certamente o acesso ao espaço é bem mais complicado.

### 3.3 Sesc Santo André

a) O Sesc Santo André conta no mês de março de 2010 com 125 atrações ao seu público. São peças teatrais, shows musicais, espetáculos de dança, exposições de artes plásticas, cinema e literatura, além de atividades na área de esportes, turismo, cidadania e saúde. Os destaques da programação para o período analisado são: Espetáculo Doido, Show musical com a cantora Céu, oficinas multimídia, exposição “Jackson do pandeiro”, um grande número de atividades esportivas e serviços de orientação em saúde e cidadania.

b) O Sesc Santo André, assim como os demais Sescs da rede São Paulo são importantes centros culturais no que se busca analisar neste artigo. São de financiamento misto, porém com maior parte oriunda da rede privada do sistema S, isso proporciona uma maior liberdade aos gestores que tem buscado utilizar de uma forma a promover uma real democratização da cultura, indo além do Centro Cultural São Paulo e do Itaú

Cultural. Não há diretamente um diálogo participativo de todos os lados, como artistas, usuários e gestores, porém indiretamente ele ocorre e isso se percebe em virtude de suas recentes programações. São programações diversificadas que trazem para o público uma grande amostra da diversidade cultural Brasileira, aliada a baixos preços, promovendo portanto um grande acesso. Porém, o caráter predominantemente privado de seu financiamento nos mostra que assim como no Itaú cultural, centros de cultura com este tipo de financiamento (total ou parcialmente) tendem a promover a democratização de acordo com suas intenções e filosofias.

### 3.4 Casa Lagartixa Preta

a) A Casa Lagartixa Preta no mês de março de 2010 conta com uma programação típica de sua filosofia. São debates, exposições de filmes, festas e cursos voltados para questões de libertação política, anarquia, pedagogia libertária e autonomia perante o estado e o capital. Para o mês analisado destaca-se: Aulas de Espanhol, Ciclo de debates: “Autocrítica ao movimento de libertação animal”, Bicletada ABC (evento externo), Ciclo de debates: “Guerra social no Chile”, Festa Mexicana, e Ciclo Cine comédia Espanhola e reflexão. Além destas atividades, seguem as atividades rotineiras da casa como o cultivo e cuidado da Horta Agroecológica.

b) Percebe-se nesta casa de cultura um direcionamento filosófico do seu discurso de atuação, são diversas atividades focadas diretamente ou indiretamente. Porém, há nitidamente uma abertura para discussão e atuação dos seus usuários, usuários que neste caso são ativos pois tem possibilidade de opinarem e participarem em debates e ciclo de palestras. Podem neste caso sugerir programações e eventos, o que caberá aos gestores aceitarem ou não. Ressalta-se que a casa é auto-gerida e independente e neste caso não há interesses de grupos financiadores ou do próprio estado em interferir na filosofia e na programação da casa de cultura, por isso em sua programação estão eventos incomuns nas demais casas analisadas neste trabalho. O que Romulo Avelar e Gilberto Gil citam em democratização cultural e respeito a diversidade cultural é bem mais real e nítido neste centro de cultura, pois a participação do usuário é mais direta. Sob o ponto de vista dos intelectuais e artistas que buscam espaço nesta casa, por mais livre que a casa busque ser, é necessário ter uma certa adequação a filosofia que norteia as atividades, e muitas vezes outras filosofias são bem vindas a questão é que o público que frequenta espera e respeita por esta linha de pensamento. O artista consegue espaço mais facilmente que nas demais casas de cultura, pois não há um sistema regulador ou uma

“lista de pré-selecionados” como ocorre em diferentes intensidades nos demais centros de cultura.

### **Considerações finais**

Como vimos acima, as instituições culturais estão envolvidas dentro de um contexto complexo, no qual as formas de financiamento dos centros de cultura acabam por influenciar seu funcionamento.

Todas as instituições de cultura investigadas aqui, de certa forma, atuam dentro dos mecanismos da sociedade de controle deleuziana. Assim como promovem uma mercantilização da cultura, o que limita o potencial criativo e libertário da cultura. Ao mesmo tempo, também possibilitam a ampliação do acesso a cultura. Neste ambiente de ambigüidade, cabe a gestão cultural dos centros de cultura criar linhas de fuga para sair dos mecanismos de controle do capitalismo e proporcionar experiências culturais a população, criando espaços de criação e fruição.

Os resultados indicam que os maiores orçamentos das Instituições conseguem atrair um público maior, assim como artistas mais reconhecidos. Contudo, corre-se o risco de perpetuar um modelo que não abre espaço para a produção e divulgação cultural de novos artistas, assim como promover a diversidade cultural.

Através deste trabalho buscamos ampliar a discussão acerca das instituições culturais, em especial dos centros de cultura. Acredita-se que não há fórmulas nem soluções prontas para a gestão de centros culturais, há sim uma ampla necessidade de promover a democratização desses espaços, promovendo o diálogo das diversidades culturais de maneira ativa. As instituições aqui propostas para análise enquadram-se nesta pesquisa por possuírem diferentes formas de financiamento e conseqüentemente objetivos diferentes, além de modelos de gestão particulares, sendo eles formais ou não.

### **Referências Bibliográficas**

ABC, Ativismo. Ativismo ABC, site institucional. Disponível em: <[http://www.ativismoabc.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1&Itemid=2&lang=pt](http://www.ativismoabc.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1&Itemid=2&lang=pt)>. Acesso em 26 de Janeiro de 2010.

ADORNO, T., HORKHEIMER, M. A Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação de massas. 1947.

AVELAR, R. O Averso da Cena. 1ª edição. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2008, 490 p.

BENJAMIN, W. La Obra de arte en la época de su reproductibilidad técnica. Publicado em: BENJAMIN, Walter Discursos Interrumpidos I, Taurus, Buenos Aires, 1989.

BRANT, Leonardo. Cadeias e Prisões, Cultura e Mercado, 31 de Julho de 2009. Disponível em: <<http://www.culturaemercado.com.br/ideias/cadeias-e-prisoas>> Acesso em 24 de Fevereiro de 2009.

COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. 1ª edição, São Paulo, Iluminuras, 1997.

COSTA, R. da. Sociedade de Controle. Perspectiva, São Paulo, 18(1): 161-167, 2004.

CULTURAL, Centro São Paulo, O que é , Site institucional. Disponível em: <[http://www.centrocultural.sp.gov.br/ccsp\\_oquee.asp](http://www.centrocultural.sp.gov.br/ccsp_oquee.asp)> Acesso em 26 de Janeiro de 2010

CULTURAL, Itaú, Site institucional. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd\\_pagina=2691](http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2691)> Acesso em 22 de Fevereiro de 2010.

ECO, U. Apocalípticos e Integrados. 6ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2008, 386 p.

FOUCAULT, M. A microfísica do poder. 23ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2000, 295 p.

MERCADO, Cultura e . Santo André ganha unidade do SESC. Blog Cultura e Mercado, 15 de Março de 2002. Disponível em: <<http://www.culturaemercado.com.br/post/santo-andre-ganha-unidade-do-sesc/>>. Acesso em 27 de Abril de 2009

RAMOS, Luciene Borges. Centro Cultural: Território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea. Bahia, III Enecult, 2007. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LucieneBorgesRamos.pdf>>. Acesso em: 9 de Abril de 2009

RAMOS, Luciene Borges. Centros de Cultura, espaços de informação: Um estudo sobre

a ação do Galpão cine horto. 1ª edição, Belo Horizonte, MG, Argumentvm, 2008.

SP, SESC. Quem Somos? – SESCSP, Site institucional. Disponível em:  
<[http://www.sescsp.org.br/sesc/quem\\_somos/index.cfm?idcat=0&index=0&lg=pt&inslog=115](http://www.sescsp.org.br/sesc/quem_somos/index.cfm?idcat=0&index=0&lg=pt&inslog=115)> Acesso em: 9 de Abril de 2009

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Sobre a Atualidade do Conceito de Indústria Cultural. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 54, agosto/2001.